

APRENDENDO E ENSINANDO



APRENDENDO E ENSINANDO

Educar é colaborar para que professores e alunos – nas escolas e organizações - transformem suas vidas em processos permanentes de aprendizagem. É ajudar os alunos na construção da sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional - do seu projeto de vida, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e de trabalho e tornar-se cidadãos realizados e produtivos. Educamos de verdade quando aprendemos com cada coisa, pessoa ou ideia que vemos, ouvimos, sentimos, tocamos, experienciamos, lemos, compartilhamos e sonhamos; quando aprendemos em todos os espaços em que vivemos – na família, na escola, no trabalho, no lazer, etc. Educamos aprendendo a integrar em novas sínteses o real e o imaginário; o presente e o passado olhando para o futuro; ciência, arte e técnica; razão e emoção.

Com a Internet estamos começando a ter que modificar a forma de ensinar e aprender tanto nos cursos presenciais como nos de educação continuada, à distância. Quando acontece algo significativo, quando aprendemos mais estando juntos do que pesquisando isoladamente nas nossas casas. Podemos modificar a forma de ensinar e de aprender. Um ensinar mais compartilhado. Orientado, coordenado pelo professor, mas com profunda participação dos alunos, individual e grupalmente, onde as tecnologias nos ajudarão muito, principalmente as telemáticas.

Ensinar e aprender exigem hoje muito mais flexibilidade espaço-temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação.

Uma das dificuldades atuais é conciliar a extensão da informação, a variedade das fontes de acesso, com o aprofundamento da sua compreensão, em espaços menos rígidos, menos engessados. Temos informações demais e dificuldade em escolher quais são significativas para nós e conseguir integrá-las dentro da nossa mente e da nossa vida.

Aprender depende também do aluno, de que ele esteja pronto, maduro, para incorporar a real significação que essa informação tem para ele, para incorporá-la vivencialmente, emocionalmente. Enquanto a informação não faça parte do contexto pessoal - intelectual e emocional - não se tornará verdadeiramente significativa, não será aprendida verdadeiramente.

O professor é um facilitador, que procura ajudar a que cada um consiga avançar no processo de aprender. Mas tem os limites do conteúdo programático, do tempo de aula, das normas legais. Ele tem uma grande

liberdade concreta, na forma de conseguir organizar o processo de ensino-aprendizagem, mas dentro dos parâmetros básicos previstos socialmente.

De um professor espera-se, em primeiro lugar, que seja competente na sua especialidade, que conheça a matéria, que esteja atualizado. Em segundo lugar, que saiba comunicar-se com os seus alunos, motivá-los, explicar o conteúdo, manter o grupo atento, entrosado, cooperativo, produtivo.

As mudanças na educação dependem, em primeiro lugar, de termos educadores maduros intelectual e emocionalmente, pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas, que saibam motivar e dialogar. Pessoas com as quais valha a pena entrar em contato, porque dele saímos enriquecidos.

As primeiras reações que o bom professor e educador despertam no aluno são a confiança, a admiração e o entusiasmo. Isso facilita enormemente o processo de ensino-aprendizagem.

Só podemos educar para a autonomia, para a liberdade com autonomia e liberdade. Uma das tarefas mais urgentes é educar o educador para uma nova relação no processo de ensinar e aprender, mais aberta, participativa, respeitosa do ritmo de cada aluno, das habilidades específicas de cada um. O caminho para a autonomia acontece combinando equilibradamente a interação e a interiorização. Pela interação aprendemos, nos expressamos, confrontamos nossas experiências, idéias, realizações; pela interação buscamos ser aceitos, acolhidos pela sociedade, pelos colegas, por alguns grupos significativos. Pela interiorização fazemos a integração de tudo, das idéias, interações, realizações em nós, vamos encontrando nossa síntese, nossa identidade, nossa marca pessoal, nossa diferença. A tecnologia nos propicia interações mais amplas, que combinam o presencial e o virtual. Somos solicitados continuamente a voltar-nos para fora, a distrair-nos, a copiar modelos externos, o que dificulta o processo de interiorização, de personalização. O educador precisa estar atento para utilizar a tecnologia como integração e não como distração ou fuga. O educador autêntico é humilde e confiante. Mostra o que sabe e, ao mesmo tempo está atento ao que não sabe, ao novo. Mostra para o aluno a complexidade do aprender, a sua ignorância, suas dificuldades. Ensina, aprendendo a relativizar, a valorizar a diferença, a aceitar o provisório. Aprender é passar da incerteza a uma certeza provisória que dá lugar a novas descobertas e a novas sínteses.

Ensinar utilizando a Internet exige uma forte dose de atenção do professor. Diante de tantas possibilidades de busca, a própria navegação se torna mais sedutora do que o necessário trabalho de interpretação. Os alunos tendem a dispersar-se diante de tantas conexões possíveis, de endereços dentro de outros endereços, de imagens e textos que se sucedem ininterruptamente. Tendem a acumular muitos textos, lugares, idéias, que ficam

gravados, impressos, anotados. Colocam os dados em sequência mais do que em confronto.

A Internet é uma tecnologia que facilita a motivação dos alunos, pela novidade e pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa que oferece. Essa motivação aumenta se o professor a faz em um clima de confiança, de abertura, de cordialidade com os alunos.

Um dos elementos básicos de discussão da ação docente refere-se ao ensinar, ao aprender e ao apreender. Essas ações são muitas vezes consideradas e executadas como ações disjuntas, ouvindo-se inclusive de professores, afirmações do tipo: “eu ensinei, o aluno é que não aprendeu”. Isso decorre da idéia de que ensinar é apresentar ou explicar o conteúdo numa exposição, o que a grande maioria dos docentes procura fazer com a máxima habilidade de que dispõe; daí a busca por técnicas de exposição ou oratória, como sendo o elemento essencial para a competência docente.

A compreensão do que seja ensinar é um elemento fundamental nesse processo. O verbo ensinar, do latim *insignare*, significa marcar com um sinal, que deveria ser de vida, busca e despertar para o conhecimento. Na realidade da sala de aula, pode ocorrer a compreensão, ou não, do conteúdo pretendido, a adesão, ou não, a formas de pensamento mais evoluídas, a mobilização, ou não, para outras ações de estudo e de aprendizagem.

Existe também uma diferença entre aprender e apreender, embora, nos dois verbos exista a relação entre os sujeitos e o conhecimento, o apreender, do latim *apprehendere*, significa segurar, prender, pegar, assimilar mentalmente, entender, compreender, agarrar. Não se trata de um verbo passivo; para apreender é preciso agir, exercitar-se, informar-se, tomar para si, apropriar-se, entre outros fatores.

O processo de apreensão, de conhecer, está relacionado com o enredar, estabelecendo os nós necessários entre os fios a serem tecidos. Para dar conta desse “enredamento”, há que se superar as dificuldades vencendo a simples memorização. O aluno tem que ativamente re-fletir, no sentido de dobrar-se de novo e de novo – tantas vezes quanto seja necessário, para apropriar-se do quadro teórico prático objetivado pelo professor e pela proposta curricular, em relação à realidade visada no processo de ensino. As aprendizagens não se dão todas da mesma forma, dependem tanto do sujeito que apreende quanto do objeto de apreensão, não sendo, assim, iguais: podemos citar as aprendizagens por imitação de um modelo, por repetição, por ensaio-e-erro ou descoberta (*insight*).

Cabe ao professor planejar e conduzir esse processo contínuo de ações que possibilitem aos estudantes, inclusive aos que têm maiores dificuldades, irem construindo, agarrando, apreendendo o quadro teórico-prático pretendido,

em momentos seqüenciais e de complexidade crescente. Essas atividades de ensino e de aprendizagem deverão atender às características do Projeto Político Pedagógico do curso, que se reflete na área de estudo, com seu conteúdo (seja factual, conceitual, procedimental, atitudinal) e, principalmente, nas características dos sujeitos do processo, podendo ser estratégias realizadas individual ou coletivamente e propostas para a sala de aula ou outros espaços. Espaços onde co-habitem tanto o dizer da ciência através ou não do dizer do professor, quanto a leitura da (e a ação sobre a) realidade, da qual o aluno, como futuro profissional, terá que dar conta, além dos recursos ambientais, tecnológicos, sociais, culturais, etc.

Para o entendimento do movimento do pensamento, é importante retomar os elementos da metodologia tradicional. Como a inteligência era associada à memorização, o trabalho docente se dirigia à explanação do conteúdo e à manutenção da atenção do aluno.

UMA POSTURA FUNDAMENTAL

Toda proposta de educação em direitos humanos tem de estar informada por uma tomada de posição que explicita o marco filosófico e ideológico do qual se parte. Não se pode definir metodologias sem ter esse marco claramente formulado. É esta definição que permitirá construir critérios para a seleção dos conteúdos e a definição de estratégias.

Uma proposta metodológica de educação em direitos humanos necessita alguns eixos articuladores do trabalho que se pretende executar. Na nossa proposta a vida cotidiana é considerada uma referência permanente para a ação educativa. Para transformar a realidade se faz necessário trabalhar o cotidiano em toda a sua complexidade. Criamos e recriamos continuamente nossa existência no tecido diário de relações, emoções, perguntas, produção de conhecimentos e construção de sentido.

A educação em direitos humanos favorece a capacidade de perceber essas buscas concretas e cria espaços onde se socializam tais experiências, além de construí-las e implementá-las.

A cultura brasileira e de toda a América Latina está profundamente marcada pelo autoritarismo e a lógica do apadrinhamento e do privilégio. Criar condições que permitam afetar as mentalidades e favorecer processos que promovam o desenvolvimento de uma cultura dos direitos humanos é para nós um grande desafio. Sem dúvida, a educação é um elemento importante para a construção de sujeitos que internalizem e expressem essa cultura em comportamentos e ações cotidianas.

Os movimentos sociais que se desenvolveram com especial força em todo o continente na última década (consciência negra, grupos indígenas, cultura e educação popular, movimentos feministas etc.) favoreceram a formação de uma nova consciência das diferentes culturas presentes no tecido social brasileiro e latino-americano. No entanto, a cultura que predomina nas práticas educativas é extremamente homogênea e está vinculada à visão de determinados grupos sociais. A educação em direitos humanos favorece o reconhecimento dos diferentes grupos sociais e culturais, gera espaços para que os valores, conhecimentos e tradições sejam realçados e fomenta o diálogo intercultural. Articular igualdade e diferença é uma de suas preocupações fundamentais.

Nesta perspectiva, não se pode conceber o papel dos educadores como meros técnicos, instrutores, responsáveis unicamente de ensinar diferentes conteúdos e exercer funções de normatização e disciplina. Os educadores são profissionais e cidadãos, mobilizadores de processos pessoais e grupais de cunho cultural e social. Somente a partir desta ótica é que poderão ser promotores de uma educação em direitos humanos. O direito à vida, a uma vida digna e a ter razões para viver, deve ser defendido e promovido para todas as pessoas, assim como para os diferentes grupos sociais e culturais. Esta é uma afirmação com raízes antropológicas, éticas, políticas e transcendentais, que apontam para a construção de uma alternativa de futuro mais humana, comprometida com a afirmação da vida a escala mundial e planetária.

A educação em direitos humanos não pode ser reduzida à introdução de alguns conhecimentos nas diferentes práticas educativas. Na elaboração de estratégias metodológicas para educação em direitos humanos, é importante que explicitemos as dimensões que pretendemos trabalhar nas nossas práticas pedagógicas. Essas dimensões as concebemos de maneira integrada e têm de ser trabalhadas de forma conjunta. São elas: ver, saber, celebrar, comprometer-se, sistematizar e socializar.

ALCANÇAR A QUALIDADE PARA TODOS

As bases estabelecidas nos mil primeiros dias da vida de uma criança, desde a concepção até o seu segundo aniversário, são críticas para seu bem-estar futuro. Portanto, é vital que as famílias tenham acesso a serviços de saúde adequados, bem como apoio para realizar as escolhas certas para mães e bebês. Além disso, o acesso a uma boa nutrição é fundamental para o desenvolvimento do sistema imunológico da criança, bem como das habilidades cognitivas de que ela necessita para conseguir aprender.

A relação entre cuidados na primeira infância e educação é forte, com os dois elementos se reforçando mutuamente. Os serviços de cuidados na primeira infância e de educação ajudam na construção de habilidades, em uma fase na qual o cérebro das crianças está se desenvolvendo, com benefícios de longo prazo para as crianças de ambientes desfavorecidos.

A alfabetização universal é fundamental para o progresso social e econômico. Habilidades de letramento são mais bem desenvolvidas na infância, por meio de uma educação de qualidade. Poucos países oferecem uma segunda chance efetiva para adultos analfabetos. Consequentemente, países com um legado de baixa escolarização não têm sido capazes de erradicar o analfabetismo de adultos.

A educação é uma chave para ajudar indivíduos a sair da pobreza e evitar que esta seja passada de geração a geração. Ela possibilita melhores salários àqueles que têm empregos formais pagos e oferece melhor qualidade de vida aos que trabalham na agricultura e nos setores informais do meio urbano.

A educação é uma das formas mais poderosas para melhorar a saúde das pessoas: salva a vida de milhões de mães e crianças, ajuda a prevenir e tratar doenças, e é um elemento essencial nos esforços em reduzir a desnutrição. Pessoas instruídas são mais bem-informadas sobre doenças, tomam medidas preventivas, reconhecem sintomas precocemente e tendem a usar serviços de saúde com mais frequência. Apesar de seus benefícios, a educação é frequentemente negligenciada como uma intervenção vital na saúde e como meio de tornar mais efetivas outras intervenções nessa área.

A educação ajuda as pessoas a entenderem a democracia, promove a tolerância e a confiança que lhes são sua base, e motiva as pessoas a participarem da política. Além disso, tem um papel vital na prevenção da degradação ambiental e na limitação das causas e dos efeitos da mudança climática. Ademais, empodera as mulheres para superar a discriminação e exigir seus direitos.

Apesar dos avanços impressionantes no acesso à educação ocorridos na década passada, eles nem sempre foram acompanhados de melhoras na qualidade do ensino. Muitos países não são capazes de fazer com que suas crianças alcancem sequer as habilidades mais básicas de leitura e matemática. Os que estão em desvantagem têm maior probabilidade de sofrer com o número insuficiente de professores treinados, com a infraestrutura sobrecarregada e com materiais inadequados. No entanto, é possível que os países expandam o acesso à escola, ao mesmo tempo em que melhoram a equidade na aprendizagem.

A qualidade da educação durante a infância tem uma influência direta nos níveis de alfabetização entre os jovens.

O salário é apenas uma das muitas formas de se motivar os professores, mas é uma maneira estratégica de atrair os melhores candidatos e reter os melhores docentes. Salários baixos tendem a afetar o ânimo, e podem levar os professores a escolherem outra carreira. Ao mesmo tempo, os salários dos docentes correspondem à maior parcela de muitos orçamentos de educação e, por isso, devem ser realistas para garantir que sejam contratados professores suficientes.

A chave para garantir que todas as crianças tenham sucesso na escola consiste em capacitá-las para adquirir habilidades básicas fundamentais, como a leitura e as operações matemáticas. Sem essas habilidades, muitas crianças sofrerão para acompanhar o currículo prescrito, e as disparidades no aprendizado aumentarão para as crianças desfavorecidas. A qualidade da educação pré-escolar faz uma enorme diferença na aprendizagem das crianças, nas séries iniciais do ensino primário. Em Bangladesh, crianças da escola primária que passaram pela pré-escola tiveram desempenho melhor do que as que não tiveram a experiência da pré-escola, em habilidades relacionadas à leitura, escrita e matemática oral.

Em lugares onde as crianças aprendem pouco e abandonam precocemente a escola, programas de segunda chance podem ensinar habilidades básicas por meio de um ciclo mais curto de ensino, que é uma forma de acelerar o progresso das crianças e melhorar o desempenho dos grupos desfavorecidos. Diversos desses programas de aprendizagem acelerada melhoram as conquistas dos grupos desfavorecidos, em menos tempo do que as escolas públicas formais, possibilitando-lhes a oportunidade de alcançar o nível esperado, com o objetivo de poderem voltar para a escola normal.

AVANÇOS OBTIDOS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO

Apesar dos avanços obtidos na área da Educação Matemática no atual contexto educacional, o ensino de matemática continua ocorrendo de forma que podemos considerar tradicional em muitas salas de aula, através de repetições, cópias e fórmulas decoradas. Isso sem considerar as avaliações que, na maioria das vezes, acontecem apenas por meio de provas e testes que exigem, como resposta, a obtenção de um valor numérico exato, com enfoque no resultado final e não no processo percorrido pelo educando para resolver determinada tarefa. Como consequência dessa situação, não têm sido

percebidas grandes melhorias no que diz respeito à aprendizagem matemática na Educação Básica. O ensino que privilegia formas mecânicas de desenvolvimento dos conteúdos contribui para a imagem negativa que a maioria dos alunos e, inclusive, alguns professores têm acerca dessa disciplina ou sobre alguns conteúdos específicos da área. A geometria é um desses casos, em que, principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, existe o agravante de ser um conteúdo pouco trabalhado pelos professores e, muitas vezes, desvalorizado nos livros didáticos e currículos escolares.

Uma das dificuldades do professor concentra-se em estabelecer relações entre a geometria mais perceptível para a criança que acontece nos anos iniciais e a abordagem mais axiomática introduzida nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Com isso, os alunos não conseguem relacionar a matemática escolar com as vivências cotidianas, na medida em que termos e figuras geométricas, facilmente identificados na estrutura de arquiteturas construídas pelo homem ou pela natureza, estão pouco presentes nas aulas de matemática. Mesmo quando a geometria faz parte do currículo, existe, ainda, outra questão a ser considerada, a qual diz respeito à maneira como os conteúdos são trabalhados nos anos iniciais não possibilitando que os alunos façam a relação entre as formas planas (bidimensionais), estudadas na escola, e as formas encontradas no seu cotidiano, visto que estas assemelham-se a figuras geométricas espaciais (tridimensionais).

A Teoria Histórico-Cultural, principalmente através de Vygotsky – seu maior expoente, defende a ideia de que o ser humano desenvolve-se através de suas relações e interações com os outros, vivendo em sociedade num processo de apropriação da cultura construída pela humanidade. Nesse movimento de aprender sobre a cultura, o ser humano desenvolve suas funções psicológicas superiores e, assim, difere dos animais através da relação e uso que faz do pensamento e da linguagem. A partir dos estudos de Vygotsky, Leontiev (1978) desenvolveu a Teoria da Atividade. Nessa teoria, o termo atividade assume um significado especial: a atividade especificamente humana realizada com o fim de satisfazer uma necessidade, diferenciando-se, portanto, de uma simples ação.

De acordo com os autores citados, o principal papel da escola é promover o desenvolvimento dos alunos através do ensino. Nesta perspectiva, podemos entender a importância do professor organizar intencionalmente situações de ensino para que o aluno aproprie-se dos conhecimentos científicos, elaborados historicamente pela humanidade. E isso só é possível se o professor, através da organização do ensino, mediar a relação entre o aluno e o conhecimento.

Por que ser professor?

Inspirei-me em Paulo Freire para escrever esse livro. Paulo Freire nos fala em sua Pedagogia da autonomia da “boniteza de ser gente”:

1 , da beleza de ser professor: “ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da beleza e da alegria”

2 . Paulo Freire chama a atenção para a essencialidade do componente estético da formação do educador.

Paulo Freire, em 1980, logo após voltar de 16 anos de exílio, reuniu-se com um grande número de professores em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais. Falou-lhes de esperança, de “sonho possível”, temendo por aqueles e aquelas que “pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar”, aqueles e aquelas que, “em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora, que em lugar desta viagem constante ao amanhã, se atrelem a um passado de exploração e de rotina”.

Em sua essência, ser professor hoje, não é nem mais difícil nem mais fácil do que era há algumas décadas atrás. É diferente. Diante da velocidade com que a informação se desloca, envelhece e morre, diante de um mundo em constante mudança, seu papel vem mudando, senão na essencial tarefa de educar, pelo menos na tarefa de ensinar, de conduzir a aprendizagem e na sua própria formação que se tornou permanentemente necessária.

As novas tecnologias criaram novos espaços do conhecimento. Agora, além da escola, também a empresa, o espaço domiciliar e o espaço social tornaram-se educativos. Cada dia mais pessoas estudam em casa pois podem, de lá, acessar o ciberespaço da formação e da aprendizagem a distância, buscar “fora” – a informação disponível nas redes de computadores interligados – serviços que respondem às suas demandas de conhecimento. Por outro lado, a sociedade civil (ONGs, associações, sindicatos, igrejas...) está se fortalecendo, não apenas como espaço de trabalho, mas também como espaço de difusão e de reconstrução de conhecimentos.

O professor é muito mais um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito do sua própria formação. O aluno precisa construir e reconstruir conhecimento a partir do que faz. Para isso o professor também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos. Ele deixará de ser um “lecionador” para ser um organizador do conhecimento e da aprendizagem.

O professor se tornou um aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador, e, sobretudo, um organizador da aprendizagem. Se falamos do professor de adultos e do professor de cursos a distância, esses papéis são ainda mais relevantes. De nada adiantará ensinar, se os alunos não conseguirem organizar o seu trabalho, serem sujeitos ativos da aprendizagem, auto-disciplinados, motivados.

Aprender e Ensinar (Língua Portuguesa)

A melhoria das relações sociais mediante aprimoração da linguagem oral permite que o aluno consiga demonstrar seus sentimentos, opiniões, ideias, acolhendo e interpretando as opiniões alheias, mediante a reflexão e criticidade da prática linguística, porque através da linguagem valores e conceitos são perpetuados ou modificados.

A busca pela autocorreção no uso da língua mediante o gosto pela adequação e apropriação dos padrões pertencentes ao funcionamento da Língua Portuguesa deve ser instigada nos alunos durante o processo de ensino. Ressaltase que a oralidade apresenta-se tão importante quanto à escrita de textos.

Produzir textos escritos de gêneros diversos, mediante a utilização das regras de funcionamento da língua de acordo com o público leitor é um objetivo a ser atingido nas aulas de Língua Portuguesa, mas para tanto, o aluno deve estar em constante contato com conhecimentos discursivos, semânticos e gramaticais, através da constante leitura e escuta de textos diversos.

A falta de destinatário para as produções escritas em sala de aula promove a desvalorização da escrita e também a baixa auto-estima durante o processo de ensino da língua escrita. Nessa mesma reflexão, a leitura realizada nos ambientes escolares acaba acontecendo de maneira mecanizada, através de materiais didáticos que pouco valorizam a individualidade do aluno. Ensinar o aluno a ler e ensinar o aluno a praticar a leitura são processos distintos que devem ser analisados de acordo com as características de aprendizagem de cada um. Não obstante, acontece em sala de aula o incentivo insistente na decodificação da língua. Esse equívoco no ensino da Língua Portuguesa possui contexto histórico, pois a linguagem oral e escrita da população foi aprendida de geração a geração de pessoas que não falavam a língua de maneira lusitana.

Ressalta-se que apenas o uso das regras de escrita não são capazes de fazer com que o aluno aprenda a ler e escrever. Faz-se relevante que conheça a desvantagem do ensino da Língua Portuguesa de forma normativa. Para que

isso aconteça, deve ocorrer a mudança considerável na formação do professor que atuará no ensino da língua tanto nos anos iniciais quanto nos anos em que a língua é ensinada de maneira específica.

O confrontamento das práticas de ensino focadas nas normas gramaticais com as práticas usuais da língua deve acontecer de maneira reflexiva e crítica, fazendo com que o futuro professor consiga realizar sua prática valorizando a utilização da linguagem cotidiana e apresentando o conhecimento científico da Língua Portuguesa.

O texto oral e escrito, formado por imagens ou códigos linguísticos precisa ser amplamente estudado nos cursos de formação, porque sendo conhecer das normas que regem a produção textual e entendendo o texto como elemento de comunicação, o futuro professor poderá proporcionar a seus alunos atividades que auxiliarão o desenvolvimento de sua linguagem e de seu pensamento.

A Língua Portuguesa sofre constantes mudanças porque é um idioma falado em diferentes países, sendo que no Brasil é considerada a língua materna, a língua oficial do povo brasileiro.

Aprender e Ensinar (Crianças e jovens)

Garantir às crianças e jovens o domínio das competências necessárias para sua inserção no mundo do trabalho e da cidadania é, hoje, o objetivo da educação básica.

As escolhas pedagógicas, no entanto, precisam ter consistência teórica e serem apoiadas por evidências empíricas de sua efetividade. Infelizmente no Brasil, como grande frequência, os currículos escolares são modificados a partir de ideias pouco escrutinadas teoricamente e sem apresentação de evidências de eficácia.

A busca incessante pelo conhecimento é uma marca da raça humana. Cada vez mais, na sociedade atual, somos seres do conhecimento: sua produção, divulgação, circulação e transformação em bens (sejam eles físicos ou não) são reguladores e termômetros das relações humanas em variados âmbitos, desde o microcosmo do dia a dia das pessoas até o macrocosmo da economia mundial.

A Escola surgiu e firmou-se como a instituição responsável pela transmissão intergeracional dos conhecimentos que a sociedade considera

como válidos. Diante da velocidade alucinante das transformações mundiais que presenciamos nas últimas décadas, cabe à Escola buscar formas de cumprir um novo papel na construção do futuro da humanidade: a tradicional função de “transmitir o conhecimento” não é suficiente para preparar nossas crianças e jovens para uma sociedade dinâmica, complexa, acelerada...

Os Jogos de Raciocínio são os recursos didáticos em torno dos quais as sequências didáticas são estruturadas, com objetivos claros em relação ao desenvolvimento das habilidades cognitivas, emocionais, sociais e éticas e à construção de estratégias e métodos, conhecimentos e reflexões que extrapolam a situação de jogo para outros contextos da vida. Ao dar destaque ao papel do professor enquanto mediador do processo de aprendizagem do aluno, esta Metodologia inovadora implica um intenso e contínuo processo de aprimoramento da prática pedagógica.

Todo o processo é cuidado e organizado de modo a estruturar ambientes de aprendizagem carregados de significado, tanto para os alunos como para os professores. As contextualizações que introduzem os temas, os jogos de raciocínio utilizados como recursos pedagógicos, as estratégias e métodos ensinados e aplicados pelos alunos tanto nos jogos como em outras situações, os debates e reflexões sobre as aprendizagens vividas, enfim, todos os elementos que compõem as aulas revestem estes momentos com significados profundos e abrangentes que, tal qual uma pedra lançada ao lago, provoca ondas de impactos em múltiplas direções.

As habilidades específicas priorizadas em cada etapa da proposta curricular estão harmonizadas com as teorias de desenvolvimento propostas por autores interacionistas, como Piaget, Vygotsky e Feuerstein⁴, entre outros, e coadunadas com as necessidades específicas para a apropriação de conceitos e conteúdos que compõem os quadros curriculares das escolas, orientados pelos Parâmetros e Diretrizes Curriculares Nacionais.

Ao incentivar intencionalmente os processos reflexivos e a tomada de consciência dos processos vividos (metacognição), a utilização da Metodologia desenvolve, nos alunos e nos professores, a capacidade de “aprender a aprender” em níveis de complexidade cada vez maiores, ampliando as condições internas para estabelecer conexões entre os diferentes conteúdos explorados no currículo da escola e entre estes e os desafios da realidade “extramuros” da escola.

Nas ciências humanas, e mais ainda nas investigações em Educação, a necessidade de garantir a harmonia, consistência e coerência entre aquilo que se pesquisa – o objeto de estudo – e a forma de pesquisá-lo – o método do estudo – é crucial.

Quando incorporada no espaço pedagógico, a perspectiva interacionista reverbera em vários aspectos fundamentais do dia a dia na escola. Dentre eles, destacaremos:

1. o reposicionamento do lugar e do papel do professor e do aluno e de suas relações com os objetos de ensino e a aprendizagem na sala de aula;
2. as relações entre cognição e afetividade nas interações entre o sujeito que aprende, o sujeito que ensina e os objetos do conhecimento.

Mediar o significado é a essência da transmissão cultural, ou seja, as crianças apropriam-se da cultura em que estão inseridas porque seus pais, e outras pessoas, atribuem sentido às ações e crenças de seus grupos sociais. “São as tradições repetidamente valorizadas e revividas” (Meier & Garcia, 2007: 139).

Assim, mediar o significado implica em buscar ações intencionais que revistam as situações de aprendizagem de interesse e relevância para os alunos, criando uma nova dimensão do aprender e levando ao envolvimento ativo e emocional dos estudantes. Para isso, é importante:

1. Despertar o interesse pela tarefa em si;
2. Conversar com os alunos sobre a sua importância; e
3. Explicitar a sua finalidade e as suas aplicações.

Transcender, na prática pedagógica, é sair do “aqui e agora” para olhar para outros contextos. Usar o critério da transcendência é salientar as ações, conscientes e intencionais do mediador, que têm como intuito levar o aluno a relacionar o que está aprendendo no momento com outros saberes, com outras situações, com outras esferas da vivência humana. É auxiliar o aluno a desenvolver a metacognição, ou seja, a pensar sobre o próprio processo de pensamento e de aprendizagem buscando, por meio da reflexão e da interação, a generalização e abstração que possibilitam a construção de novos saberes.

• **Variabilidade:** diferentes formas de apresentar e explorar um conceito; exercícios de diferentes níveis de complexidade e abstração.

- **Processo:** oferecer atividades em que seja possível ao aluno “descontextualizar, ou seja, incentivá-lo, por meio de perguntas, a buscar outras estruturas e contextos além do que foi apresentado.
- **Pontes:** levar os alunos a aplicarem o que aprenderam em outros contextos, outras situações, procurando identificar e criar exemplos de aplicação.

Quando o aluno se sente capaz de aprender, aumenta a probabilidade dele investir esforços e permanecer na tarefa; o oposto também é verdadeiro: o sentimento de incapacidade pode levar, no mais das vezes, a uma desistência “a priori”. Assim, é importante o professor considerar a adequação das tarefas à capacidade dos alunos, permitindo-lhes experimentar situações de sucesso, o que aumenta a auto-estima e a disposição para vencer novos desafios.

A consciência clara dos caminhos que levam ao sucesso possibilita o desenvolvimento do sentimento de competência, que por sua vez está diretamente relacionado à motivação e auto-estima, ou seja, aos aspectos emocionais essenciais à aprendizagem.

A mediação do compartilhar está diretamente relacionada ao desenvolvimento de habilidades emocionais, sociais e éticas, como por exemplo: lidar com as emoções (próprias e dos outros), trabalhar em grupo, cooperar e colaborar, comunicar-se com clareza e coerência, lidar com regras, resolver conflitos, aceitar e respeitar diferentes pontos de vista, entre outros.